



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

**470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai**

ANO 2023

Fevereiro

Nº 421

## **QUEM FOI ANDRÉ PINTO REBOUÇAS?**

(<https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/andre-reboucas/>)



**A**ndré Pinto Rebouças nasceu na cidade de Cachoeira, região do Recôncavo Baiano, no dia 3 de janeiro de 1838. Apesar do preconceito racial, seu pai, um mulato, foi um homem importante e de prestígio na época. Autodidata, obteve o direito de advogar em todo o País; representou a Bahia na Câmara de Deputados por diversas legislaturas; foi secretário do Governo da Província de Sergipe; e conselheiro do Império, tendo recebido o título de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, em 1823.

Em fevereiro de 1846, sua família mudou-se da Bahia para o Rio de Janeiro, onde André frequentou alguns colégios, sempre com ótimo rendimento escolar, até ingressar, em 1854, na Escola Militar, concluindo o curso preparatório em 1857, e sendo promovido a 2º tenente do Corpo de Engenheiros.

Bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas em abril de 1859, na Escola de Aplicação da Praia Vermelha, obtendo o grau de engenheiro militar, em dezembro de 1860.

André ganhou fama no Rio de Janeiro, então capital do império, ao solucionar o problema de abastecimento de água, trazendo-a de mananciais fora da cidade. Ao servir como engenheiro militar na guerra do Paraguai, André Rebouças desenvolveu um torpedo, utilizado com sucesso.

Em 1871, André e seu irmão Antônio, também engenheiro, apresentaram ao Imperador D. Pedro II o projeto da estrada de ferro ligando a cidade de Curitiba ao litoral do Paraná, na cidade de Antonina. Quando da execução do projeto, o trajeto foi alterado para o porto de Paranaguá. Até hoje, essa obra ferroviária se destaca pela ousadia de sua concepção.

Ao lado de Machado de Assis, Cruz e Souza e José do Patrocínio, André Rebouças foi um dos representantes da pequena classe média negra em ascensão no Segundo Reinado e uma das vozes mais importantes em prol da abolição da escravatura. Ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e outros. Participou também da Confederação Abolicionista e redigiu os estatutos da Associação Central Emancipadora. Participou da Sociedade Central de Imigração, juntamente com o Visconde de Taunay.

Entre setembro de 1882 e fevereiro de 1883, Rebouças permaneceu na Europa, retornando ao Brasil para dar continuidade à campanha pela abolição da escravatura. Com a abolição, veio também a queda do império, e, assim, em 1889, André Rebouças volta para a Europa, juntamente com a família imperial.

Por dois anos, ele permanece exilado em Lisboa, como correspondente do The Times de Londres. Posteriormente, transfere-se para Cannes, onde permanece até a morte de D. Pedro II, em 1891.

Em 1892, Rebouças aceita um emprego em Luanda, onde permanece por 15 meses. A partir de meados de 1893, vai residir em Funchal, na Ilha da Madeira, até sua morte no dia 9 de maio de 1898.

#### Notas do Editor:

1) o nome do túnel Rebouças no Rio de Janeiro é uma homenagem aos dois irmãos baianos, André e Antônio Rebouças, formados em engenharia pela Escola Politécnica.

2) A **Estrada de Ferro Curitiba - Paranaguá** liga estas duas cidades. Foi projetada em 1870 pelos irmãos André, Antônio e José Rebouças (depende de confirmação) e construída entre 1880 e 1885 pelo engenheiro italiano Antônio Ferrucci e pelo engenheiro português João Teixeira Soares. Em Curitiba, os irmãos Rebouças também deixaram outras obras.

#### Referências:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9\\_Rebou%C3%A7as](https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Rebou%C3%A7as)

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=333](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=333)

#####



de longitud, tiene un calibre de 35mm y pesa tan solo 1.24 kg. Respecto de su funcionamiento, en principio se ponía manualmente la mecha en contacto con la pólvora del oído, o bien se empleaba una varilla de metal candente, lo que hacía que el uso en movimiento del arma resultara ser prácticamente imposible. El sistema mecánico de gatillo estaba en uso al menos desde 1411, aunque se siguieron utilizando modelos que se disparaban manualmente.

En esa misma fecha, Juan I de Borgoña ya tenía 4.000 “culevriniers” a su servicio y este dato demostraría la rápida difusión de ese tipo de pertrecho lo que, evidentemente, dependía de su eficacia. La primera mención de un “hackenbüchse”, el segundo modelo, es de 1418; en el español actual se define como “cañón de gancho”, siendo esto el significado de la palabra alemana “hacken”. Era, pues, un arma individual dotada de un gancho que sobresalía de la parte inferior del cañón y se ideó con la función de abrir fuego desde un emplazamiento fijo, con el objetivo de disminuir el retroceso y estabilizar la trayectoria de la bala<sup>18</sup>. Es altamente probable que los modelos iniciales fueran de gran tamaño y que se pudieran poner en una cureña con bípode, como podemos ver en *Zeugbuch Kaiser Maximilians I* de Bartholomaeus Freysleben (1502).

El arcabuz se desarrolló alrededor de la mitad del s. XV e invirtió las proporciones de los componentes del *handbüchse*, puesto que tenía cañón largo y caja corta. Ésta se proyectó para que la culata se apoyara en el hombro, de manera que los tiradores apuntaban al igual que con un rifle actual. El oído ya no se ubicaba en la parte superior de la culata, sino por el lado derecho; de este modo, el arcabucero acercaba su cara para mirar y no se arriesgaba a recibir una lluvia de chispas en sus ojos a cada disparo. Estaba equipado con una llave de mecha y con una cazoleta en que se ponía la pólvora para el oído. El cañón largo proporcionaba la recámara apropiada para aprovechar el potencial de la pólvora granular, como veremos a continuación.

En la segunda mitad del s. XV, estas armas de fuego individuales ya debían de ser comunes también en las pugnas campales, aunque carecemos de abundantes fuentes escritas e iconográficas para reconstruir sus modalidades de empleo.

Por último, el mosquete, que según Hall fue una derivación del cañón de gancho, era un pertrecho de mayor longitud, peso y calibre respecto del arcabuz. Se concibió para usarse en el campo de batalla donde se apoyaba en una horquilla, que sería una versión transportable del bípode anteriormente mencionado. De su mayor tamaño derivaba una eficacia y una fuerza de penetración superiores, característica esta que quedó registrada en numerosas fuentes de la época.

### *La introducción de la pólvora granular*

**T**ras asomarnos brevemente al complejo universo lingüístico y semántico que caracteriza las denominaciones de esos pertrechos, en este apartado entramos en el tema de otros detalles técnicos, tales como la forma de los proyectiles, la composición y las propiedades de la pólvora y el coste general del arma.

Dichos aspectos, que se influenciaron mutuamente, resultan de gran importancia para comprender las características de esos modelos y, en consecuencia, el impacto que llegaron a tener en el campo de batalla. Las armas de fuego individuales podían disparar bolas de distintos tipos de metales, dependiendo de la época y del contexto bélico en que se empleaban, o hasta de piedra.

El hierro era un material denso y resistente con el que realizar proyectiles, lo que acrecentaba su capacidad por penetrar los blancos acorazados. El plomo era aún más denso, fácil de fundir y se deformaba al impacto. Por tanto, si bien corría peligro de penetrar menos en profundidad en las carnes de la víctima, causaba daños en un área más extensa.

En Europa la pólvora se mencionó por primera vez en 1267. El tipo que inicialmente se empleó para fines bélicos fue lo de serpentina, cuyos componentes tenían pesos diferentes y, por tanto, se mezclaban justo antes de su uso para que no se separaran al transportarlos. Esa variedad

solía estropearse por la humedad de la atmósfera, y una serie de factores medioambientales, mecánicos y químicos podían alterar sus propiedades balísticas. A partir de los años 20 del s. XV, se empezó a usar la pólvora granular.

Gracias a sus propiedades químicas y físicas era menos sensible al deterioro por el efecto de la humedad, lo que tornó superfluo prepararla directamente en el momento de su uso, y permitía la elaboración y el almacenamiento de cartuchos. Asimismo, aumentaba la potencia de la combustión, mejorando así las propiedades balísticas de los cañones, lo que, entre otros factores, se debía a que los intersticios que separaban los granos favorecían la presencia de oxígeno; el resultado, parafraseando a Contamine, era una reacción controlada. Preparar esta variante implicaba humedecer la pólvora con vinagre u otras sustancias, y luego se secaba y trituraba en un mortero; el grosor que quedaba se seleccionaba con una criba.

El salitre era uno de los tres componentes de la versión originaria, junto con el azufre y el carbón. Ibn al-Baitar, médico y botánico andalusí del s. XIII, siendo consciente de que procedía del Extremo Oriente, se refirió al salitre con el apodo de “nieve de China”, o “thalj al-Sin”; también se llamaba “sal Indicus” en algunas fuentes medievales. Eso se debía a que era un material raro en la Europa occidental y se tenía que importar desde zonas donde abundaba, como el valle del Ganges. Como alternativa se podía producir, y esto contribuyó a reducir drásticamente su coste.

En las armas de fuego individuales, la pólvora de serpentina se usaba en los oídos y las cazoletas con el objetivo de iniciar la combustión en la recámara, puesto que necesitaba menos energía para prender. La recámara se recargaba con la granular, que provocaba una combustión más rápida y una explosión más eficaz.

A comienzos del s. XVI, se transportaba en cartuchos que podían colgar de una bandolera, que se convertiría en un elemento icónico del atuendo de los tiradores entre los ss. XVI y XVII.

De numerosos tratados medievales, como el *Feuerwerkbuch*, anterior a 1420, aprendemos que había distintas variantes de pólvora granular, dependiendo del tipo de pertrecho al que se asignaba. Las mezclas menos potentes se elaboraban para las baterías de gran calibre, a fin de evitar que el cañón estallara.

En las armas individuales se usaban los preparados más explosivos, ya que, por el hecho de disparar balas pequeñas y ligeras, requerían una cantidad de pólvora reducida que, em teoría, no iba a causar daños en la recámara.

Vannoccio Biringuccio, metalúrgico sienés que fue nombrado procurador de artillería por la república de Florencia, en *De la pirotechnia* de 1540, refiriéndose a la pólvora, escribió que “*si la de la artillería de gran calibre la usaran em arcabuces (archibusi) y escopetas (schoppi), la bola se alejaría de diez brazos de la boca*”. Al cargarse con una cantidad reducida, el cañón tenía que soportar menos estrés mecánico y no requería de la resistencia del bronce, que era mucho más caro que el hierro. Así, su manufactura requería un nivel menor de competencias por parte del armero lo que, paralelamente al comienzo de una fabricación a gran escala, disminuía los costes. Em consecuencia de lo dicho, un arcabuz no era mucho más caro que una ballesta y, pese a que probablemente fuera más lento de recargar, su bala tenía una capacidad de penetración superior a la del virote, como veremos.

## Ventajas y desventajas del uso de las armas de fuego individuales

**D**espués de estudiar las características técnicas de esos pertrechos y de sus componentes, en este apartado analizamos brevemente aquellas ventajas que contribuyeron a determinar su importancia en los campos de batalla de las Guerras de Italia. Asimismo, resaltamos las desventajas que hicieron necesario el uso de precauciones y contramedidas, puesto que los arcabuceros en campo abierto quedaban virtualmente desprotegidos, especialmente ante las car-

gas de la caballería. Uno de los factores que hizo que el uso de las armas de fuego fuera tan ventajoso como para suplantar otros modelos, y determinar un reajuste en la composición de los ejércitos, fue su capacidad de penetración.

A partir del s. XVI la ballesta y el arco empezaron a desaparecer de los campos de batalla de la Europa occidental, y el papel de la caballería se redujo sensiblemente. Se trató de un proceso particularmente rápido y contundente entre las fuerzas españolas e imperiales, lo que se puede comprobar, por ejemplo, desde un punto de vista numérico.

Las crónicas de las Guerras de Italia abundan en descripciones de corazas de placas de acero de la alta nobleza, que eran el producto de la tecnología punta de la metalurgia del Renacimiento, atravesadas por los balazos.

Pese al entusiasmo de Pio II y de su afirmación “*nulla sustinet armatura*”, a la que ya se hizo referencia, debía tratarse del resultado del fuego directo desde una distancia reducida, así como de rumores y datos incorrectos.

Es probable que la arcabucería fuera letal contra los infantes que, generalmente, quedaban desprotegidos, si excluimos a los “coseletes” de las primeras líneas de los cuadros. En todo caso, se tuvieron que desarrollar panóplias que garantizaran cierto nivel de protección contra los golpes de armas de fuego, lo que atestigua que esos pertrechos representaban un peligro para los oficiales y los cuerpos de caballería pesada. Otra gran ventaja era que el uso del arcabuz no exigía décadas de entrenamiento, a diferencia del arco; por tanto, siempre había disponibilidad de tiradores. A comienzos del s. XVI esas armas todavía presentaban ciertas graves desventajas. La eficacia del tirador dependía de un conjunto de factores vinculados a su habilidad y a su estatus físico y psicológico, además de la calidad del arcabuz y de las condiciones atmosféricas que podían alterar las propiedades balísticas de la pólvora<sup>61</sup>. Prescindiendo de esas variables, por un lado, eran lentas de recargar, lo que afectaba al volumen de fuego. Por el otro, la relación entre distancia del objetivo y precisión de tiro era hondamente perjudicial. La boca del cañón de ánima lisa imprimía un movimiento de rotación al proyectil que no era controlable ni previsible, de lo que dependía parte de su inestabilidad. Asimismo, la forma esférica de la bola proporcionaba una superficie mayor a la resistencia del aire, generando fricción que contribuía a desviar su trayectoria y disminuir su velocidad, afectando su capacidad de penetración; es lo que hoy se conoce como “efecto Magnus”. La única solución viable era abrir fuego contra escuadrones cerrados que estuvieran muy cerca, lo que implicaba un grave riesgo para los tiradores y la imposibilidad de disparar más de una salva antes de que se produjera el cuerpo a cuerpo.

### *Contramedidas: las defensas passivas*

**E**sta fase de la historia militar de Europa occidental se caracterizó por la experimentación, puesto que lo viejo se estaba volviendo inservible y todavía no había algo nuevo que pudiera sustituirlo.

Hemos visto que las armas individuales presentaban una serie de inconvenientes que, evidentemente, tuvieron que resultar secundarias respecto de las ventajas que proporcionaban a los cuerpos de tiradores. En este apartado, analizamos las contramedidas que los arcabuceros tuvieron que tomar con la doble finalidad de descargar sus armas contra la caballería y quedarse fuera del alcance de sus lanzas durante las operaciones de recarga.

Tres eran las posibles soluciones: atrincherarse detrás de estructuras defensivas, lo que limitaba sensiblemente su movilidad; cooperar con otros cuerpos; y desarrollar nuevas técnicas para que las salvas se alternaran a fin de constituir lo que se llamó “fuego continuado”. Una posible solución que se adoptó en las Guerras husitas (1419-1434) fue el uso de carruajes blindados, que se conocen con el término alemán “*wagenburgen*” (en singular, “*wagenburg*”). Se pueden considerar como defensas dinámicas que alojaban emplazamientos de artillería y tiradores equipados

con ballestas y cañones de mano, que los rebeldes checos emplearon con el propósito de atrincherarse cuando se enfrentaban a las cargas de la caballería imperial. Esas condiciones les brindaban una oportunidad por replicar en el campo de batalla unas condiciones análogas a las de los adarves de las murallas urbanas, y se volvió a corroborar la efectividad de las armas de fuego con funciones defensivas.

El resultado fue brillante, dado que fue el primer conflicto en que esos pertrechos tuvieron un papel fundamental en una serie de pugnas en campo abierto.

Las fuerzas españolas intentaron emplear los “wagenburgen” en algunas batallas del primer cuarto del s. XVI, entre Viejo y Nuevo Mundo: en Ravena (1512) y en Tenochtitlan (1520). Si bien esas defensas móviles hicieron que los husitas resultaran virtualmente invulnerables, sus propiedades dependían de un conjunto de factores que era complejo reconstruir en el enfrentamiento. En ambos casos no consiguieron evitar que los ibéricos se vieran derrotados; por esta razón, su uso no participo del siguiente desarrollo del arte de la guerra a nivel europeo. Los españoles, con la ayuda de un contingente de piqueros alemanes, consiguieron una victoria decisiva en la batalla de Ceriñola (1503).

Em concordancia con los investigadores académicos, fue el primer hecho de armas en que esos pertrechos se impusieron de forma contundente em las tácticas de comienzos de la Edad Moderna. Esta vez los tiradores estuvieron a salvo detrás de un foso, que detuvo la carga frontal de la caballería pesada francesa y entorpeció el avance del cuadro helvético. Sus salvas masivas, disparadas desde una distancia reducida, dieron muerte al comandante galo y dispersaron los cuerpos adversarios, antes de que intervinieran los lansquenets, quienes dominaban las maniobras “a la suiza”. Por consiguiente, Giovio afirmó haber escuchado el juicio tan prosaico como veraz de Fabrizio Colonna, veterano de la batalla: *“la victoria de aquel día no se debió al esfuerzo de los soldados ni al valor de algún capitán general, sino a un pequeño terraplén y a un fosso de poca profundidad”*.

### *Contrameditas: el fuego continuado y la cooperación con los piqueros*

El hecho de que los tiradores estuvieran virtualmente indefensos em las fases de recarga le brindó una gran importancia al foso de Ceriñola, pero no podía ser una solución definitiva. Efectivamente, una combinación de trincheras y carruajes no evitó que las fuerzas españolas se vieran derrotadas en Ravena, donde faltó el apoyo de la caballería pesada y una defensa eficaz contra la artillería ferraresa.

En este apartado, analizamos las dos restantes contramedidas que quedaban a disposición de los arcabuceros, es decir, unas técnicas más eficaces de abrir el fuego y la cooperación con otros cuerpos, principalmente la infantería. Una posible solución, que se ideó para disparar las salvas tanto desde el amparo de una barrera como maniobrando en campo abierto, fue garantizar un volumen constante de disparos por medio del “fuego alternado”, cuya primera mención se remonta a 1477 en el ámbito germánico. Se ideó a fin de que los arcabuceros se cubrieran mutuamente, disparando una parte de ellos mientras la otra recargaba, pero no suponía un movimiento que servía para que las líneas se alternaran. El fuego continuado constituía la siguiente etapa evolutiva, puesto que requería un alto nivel de preparación y coordinamiento.

Fue probablemente Giovo el primer autor en describir detalladamente cómo las línea de tiradores españoles disparaban y se apoyaban mutuamente en la batalla de Bicoca (1522), mientras se protegían del avance frontal de los suizos con un foso, al igual que en Ceriñola. Al menos cuatro salvas de arcabuces rompieron la cohesión de los cuadros helvéticos, obstaculizados por las defensas pasivas y de pronto asaltados por los lansquenets alemanes. Aunque se dijo con anterioridad que aprender el manejo de las armas de fuego no exigía un entrenamiento específico, lo que requería práctica y experiencia era mantener el orden en las maniobras que hemos examinado, amén de seguir ejecutando las operaciones de recarga ante los asaltos del enemigo, disparando con

orden y disciplina. El fuego alternado y continuado no garantizaba la incolumidad frente a las cargas de caballería, y se hacía necesario acudir a contramedidas complementarias.

En el s. XV, los tiradores iniciaron a encontrar una forma de cooperar con los soldados que estaban equipados con armas de asta, lo que representaba una solución más dinámica y flexible respecto de los “wagenburgen” o de los fosos, y que marcó un paso importante hacia el “siglo de los soldados” de Fulvio Testi. En esas renovadas condiciones, el cuadro se convertía en un cuerpo táctico con funciones defensivas y ofensivas, dotado de una mayor maniobrabilidad; además, contaba con sus propias protecciones, y se definió como “*living forest*”.

En 1465, los helvéticos fueron pioneros en el uso combinado de los cuerpos de infantes y tiradores, como se demostró durante el conflicto que contrapuso la autoridad central de Luis XI a la Liga del Bien Público.

En 1476 y 1477 Carlos el Temerario, duque de Borgoña, siguió un modelo análogo al movilizar un contingente en su campaña contra el ducado de Lorena y la Confederación suiza. Aquellas medidas no fueron suficientes para evitar que perdiera el ejército y su propia vida en la batalla de Nancy por obra de las formaciones helvéticas. Las huestes castellanas, todavía equipadas con lanzas, rodela y ballestas, y organizadas como durante la Guerra de Granada, se vieron derrotadas en la primera de las pugnas de Seminara (1495). Sin embargo, altos oficiales como Gonzalo de Ayora y el Gran Capitán fueron rápidos en adecuar esas fuerzas militares a la manera de pelear de los suizos, de lo que derivaron las victorias que ya se mencionaron. En todo caso, resulta difícil entender cómo se movían los tiradores por el campo de batalla cuando no disponían de defensas pasivas, y tenemos que acudir a fuentes literarias e iconográficas.

En las ordenanzas de Lausana, de 1476, Carlos el Temerario ideó una compleja disposición del ejército para el enfrentamiento, de manera que la infantería, reagrupada en escuadrones de tres líneas constituidas por “coulevriniers”, ballesteros y piqueros, contara con la protección de arqueros en el frente y por los flancos. Estos despliegues evolucionaron, y en una ilustración anónima de 1506, que representaba la pugna de Fornovo, vemos a los tiradores formando dos pequeños cuadrados en las esquinas del cuadro suizo. Probablemente se retirasen detrás de este si el enemigo se hubiese lanzado a la carga frontal, o por debajo de sus picas, para casos de asaltos laterales. Esas formaciones se definieron como “cuernos”. Asimismo, los escopeteros podían reagruparse en los flancos de los cuadros y penetrar en sus filas, o agacharse bajo sus astas caladas; en este caso, formarían unas “mangas”. Los tiradores, si ejecutaban sus movimientos sin depender de barreras, estaban libres de acompañar y/o socorrer a la caballería en una manobra ofensiva, abrir fuego, desordenar al enemigo y posteriormente buscar el apoyo de defensas pasivas o de los cuadros de infantería, lo que ocurrió en la batalla de Pavía (1525). Los investigadores, al margen de otras consecuencias tácticas, estratégicas, políticas y diplomáticas, confirmaron la importancia de este combate en el proceso evolutivo, puesto que los arcabuceros y mosqueteros tuvieron un papel fundamental en todas las fases del choque y hubo momentos en que actuaron autónomamente.

En 1515, después de producirse la pugna de Marignano, Francisco I de Valois le escribió a Luisa de Saboya, su madre: “*no volverán a decir que los gendarmes son liebres armadas puesto que protagonizaron la acción, de quinientos en quinientos, en treinta cargas seguidas, antes de que se ganara la batalla*”. Este juicio demostró ser un anacronismo en el campo de Pavía, donde el ejército galo quedó destruido en pocas horas, se produjo el rotundo fracaso de la gendarmería, numerosos de los altos oficiales encontraron la muerte y el propio soberano cayó prisionero de los imperiales.

De acuerdo con Sandoval, Francisco I reconoció finalmente la importancia de esos tiradores: “*decía después el rey que no le habían roto sino los arcabuceros españoles, que a donde quiera que había ido, los había hallado*”. Por tanto, Giovio escribió que “*parecía que el verdadero eje de la guerra eran las mechas encendidas de los arcabuces*”.

## Conclusiones



**P**ara la redacción del trabajo hemos acudido a una gran variedad de fuentes y hemos analizado pertrechos, cuerpos y procesos bélicos tan diferentes, aunque todos contribuyeron de alguna forma en la evolución de las armas de fuego individuales.

Este material heterogéneo nos brindó la oportunidad de reconstruir los modelos principales que se usaron en la Europa occidental, así como sus técnicas de empleo, lo que resultó propedéutico a que se produjeran unos cambios paulatinos pero irreversibles en el arte de la guerra.

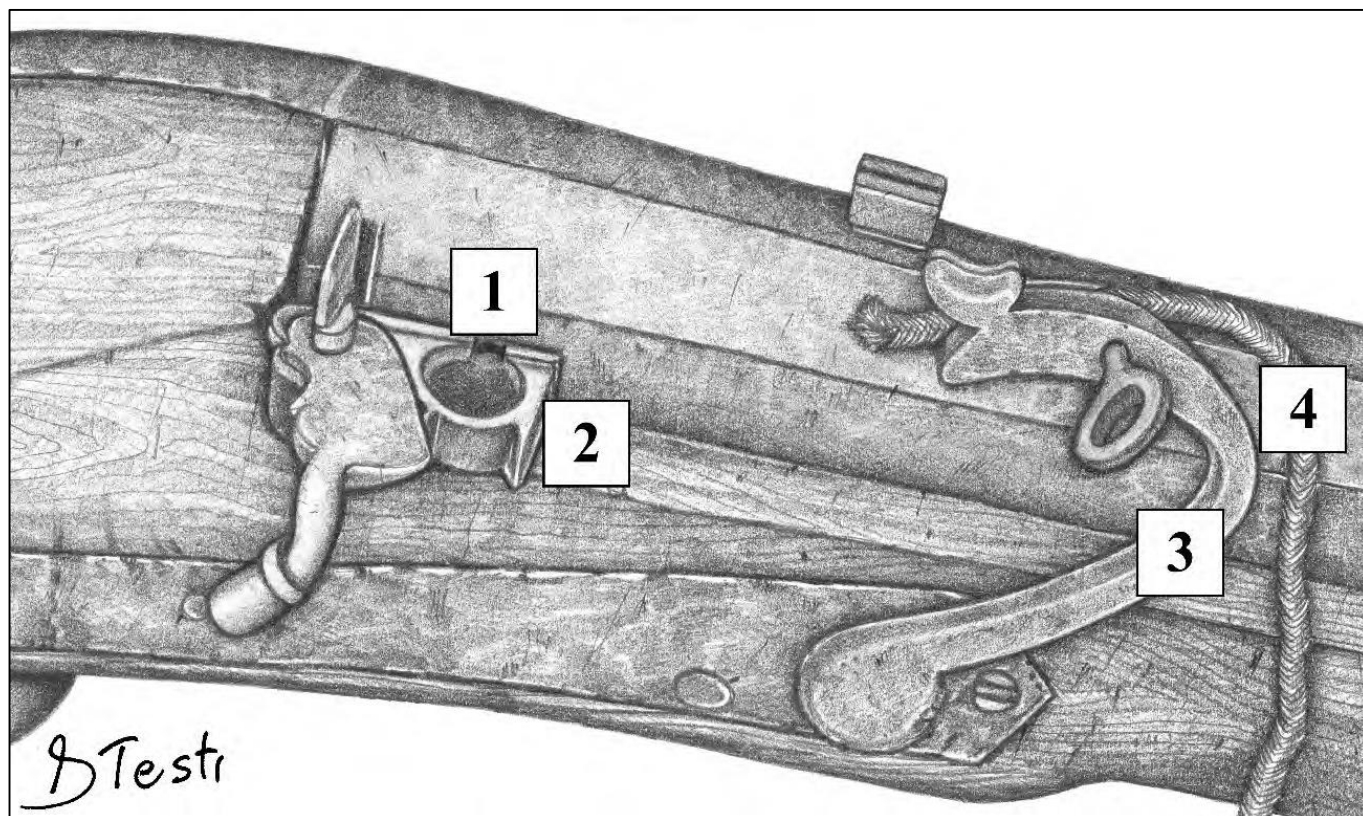
Asimismo, demostramos que no faltaron los altos cargos políticos y militares, al lado de los técnicos y de los intelectuales, que estuvieron dispuestos a confiar en los arcabuces, algunos antes que otros, lo que dio lugar a la elaboración de las doctrinas polemológicas apropiadas.

El cotejo de las fuentes nos permitió subrayar que uno de los resultados de los estudios teóricos y de la experimentación práctica que se llevaron a cabo a finales de la Edad Media fue el principio del fin de la centralidad de la carga frontal de caballería acorazada, produciéndose las primeras consecuencias contundentes en las Guerras de Italia.

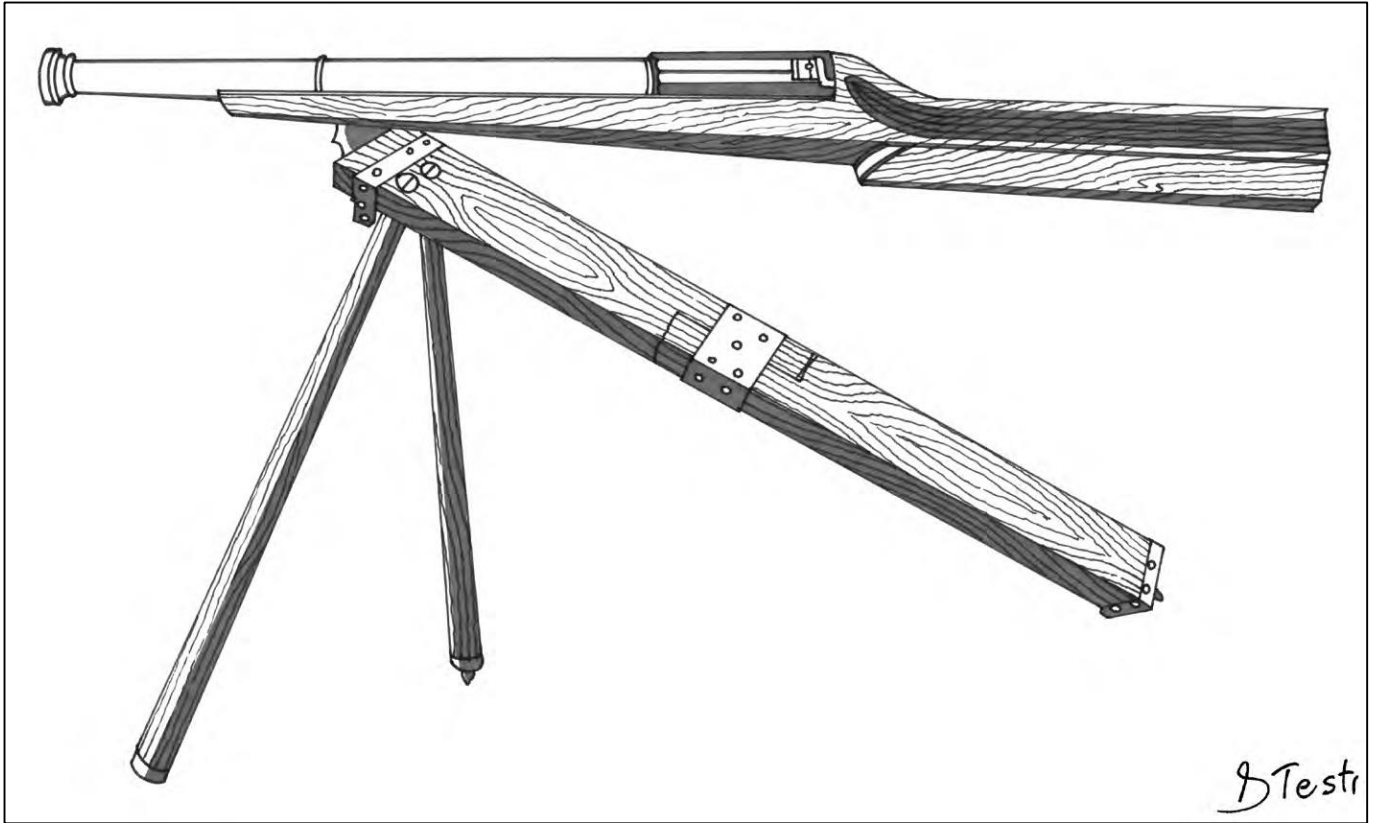
El segundo resultado fue el gradual aumento del cuerpo de tiradores en las formaciones de infantería, que conoció su clímax cuando el invento y la introducción generalizada de la bayoneta empezaron a eliminar las picas del campo de batalla, en la centuria siguiente.

A la luz de ello, este conjunto de procesos bélicos se puede considerar como el contexto polemológico ideal para que los infantes volvieran a cobrar la importancia que ya había tenido en la Antigüedad, importancia de la que los tiradores gozarían hasta bien entrado el s. XX y, en cierta medida, en la actualidad.

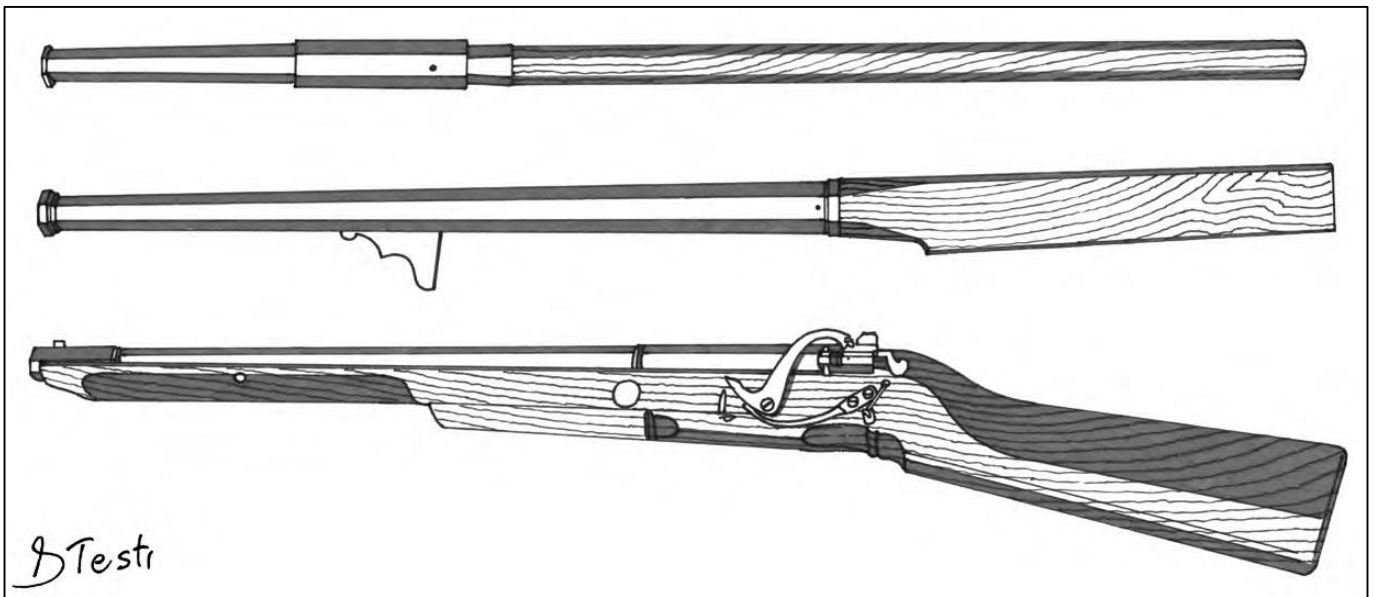
### Imagens



Arcabuz de mecha alemán de 1539. Piezas de la llave de mecha: 1) oído; 2) cazoleta; 3) serpentina; 4) mecha.



Hakenbüchse



Arriba. Cañón de mano anterior a 1399. Abajo. Arcabuz, c. 1500.



## RELATO DO CORONEL EDUARDO GOMES (transcrição)

O Coronel Eduardo Gomes, então comandante do 1º Regimento de Aviação, que chefiou a ação contra o motim da Escola de Aviação Militar, em 27 de novembro de 1935, apresentou, sobre os acontecimentos, a seguinte parte:

"Ministério da Guerra — Diretoria de Aviação -

1º Regimento de Aviação — CAPITAL FEDERAL. Em 30 de novembro de 1935 — Nº 1.989 — Do cmt do 1º Regimento de Aviação — Ao Snr. General Diretor de Aviação — Assunto — Rebelião Comunista na Escola de Aviação Militar e ataque a este R. Av.

I — Participo-vos que na noite de 26 para 27 do corrente, às 3 horas da madrugada aproximadamente, foi este Regimento atacado por praças rebeladas da E. Av. M. comandadas pelo Capitão Socrates Gonçalves da Silva e outros oficiais, só tendo conseguido repeli-las com o clarear do dia.

A seqüência cronológica dos fatos assim se resume:

"Estava prevenido de que havia ameaças de um movimento comunista na cidade com surtos talvez em alguns Corpos, mas não esperava que o mesmo rompesse na E. Av. M., quando fui alertado, pouco antes das 3 horas da madrugada, por alguns tiros ouvidos nessa Escola. Antes, já havia sido avisado por V. Excia. e pelo Snr. General Andrada, que o 3º R.I. estava revoltado, o que me induziu a reforçar as medidas de segurança desta Unidade.

**Para tal fim mandei acordar o pessoal que pernoitava no Regimento**, que era mais ou menos a metade da tropa posta de prontidão por ordem minha, armando e municionando os soldados. Enviei então uma patrulha sob o comando do Sargento Amaral para entrar em contato com a Escola, a fim de colher informações e em seguida lancei dois Grupos de Combate para a altura da caixa d'água do Regimento, com a missão de deter qualquer progressão de elementos da Escola que porventura se achassem rebelados e que tentassem se aproximar do Regimento, segundo o eixo da estrada Rio—São Paulo.

Ainda empreguei elementos do Grupo Médio no valor de um pelotão, sob o comando do 2º Tenente José Zippin Griuspum, com o fim de defender o 'Hangar' desse Grupo e o Pavilhão de Comando, ficando o 1º Tenente José Moutinho dos Reis encarregado da segurança do flanco direito do Regimento e de estabelecer ligação com o Regimento Andrade Neves que, segundo comunicação do Snr. General Andrade, deveria se deslocar até Campinho.

Elementos da Cia Extra foram reforçar a guarda do Quartel e tiveram a missão de repelir qualquer ataque que partisse da região de Campinho.

Dessa forma procurei cobrir o Regimento em todas as direções possíveis de ataque.

Os sediciosos se aproximaram em silêncio, prevalecendo-se da escuridão, aprisionando a patrulha do Sargento Amaral e caindo sobre os Grupos que tinham a missão de retardar ou deter a sua progressão na altura da caixa d'água do Regimento, mataram o Cabo Coriolano Ferreira Santiago e aprisionaram alguns homens.

Conseguiram, assim, invadir o 'Hangar' da Esquadrilha de Treinamento, que foi aliás a única dependência do Regimento da qual conseguiram se apossar e isso porque se achava

aberto na ocasião para a saída de um avião 'Waco F-5', que devia decolar às 3h 40min da zadrugada, com destino a Recife.

Pouco depois era de surpresa aprisionado o 2º Tenente Roberto Julião de Cavalcante Lemos, quando retirava munição do Almoxarifado e, simultaneamente, caía prisioneiro do Capitão Socrates o 1º Tenente José Moutinho dos Reis que, ignorando a rápida progressão dos rebeldes e devido à escuridão da noite, confundiu um grupo de praças da E.Av.M., que já se achava entre o Pavilhão de Comando e o I Grupo, com elementos deste Regimento.

Estas foram as únicas e efêmeras vantagens obtidas pelos rebeldes, que iniciaram então renhido tiroteio contra os que defendiam as instalações do Regimento, localizados principalmente no Pavilhão de Comando.

Estava o Regimento, nessa altura, completamente pelos rebeldes que, comandados pelos Capitão Socrates e Ten Ivan, atiravam a pequena distância, prolongando-se o seu fogo violento até às 4h 15 min, quando, com o clarear do dia, entregaram-se, primeiro as que do campo atacavam o Pavilhão de Comando e, sucessivamente, os que se haviam colocado à retaguarda do Grupo Médio e em outros pontos, inclusive os que se achavam no interior da Esquadilha de Treinamento.

Foram feitos assim 134 prisioneiros e mais os Tenentes França e Dinarco e Aspirante Walter e apreendidos 183 fuzis 'Mauser', 1 metralhadora pesada 'Hotchkiss', 10 F.M. 'Hotchkiss' e 126 sabre-punhais.

Pelo número de prisioneiros e quantidade de material apreendido, pode V. Ex.<sup>a</sup> bem avaliar a intensidade do ataque sofrido por esta Unidade durante a noite e quando se achava completamente desprevenida em relação à E.Av.M.

Muito se distinguiram nessa ação o Tenente Zippin, que lutou bravamente e os Tenentes Lemos e Moutinho que, embora tendo sido aprisionados, nunca se conformaram com essa situação, conseguindo evadir-se, e que pelas disposições que energicamente tomaram no início do ataque muito concorreram para que não caísse o Regimento em poder dos rebeldes. Cumpre-me salientar a atitude do telefonista de dia ao Regimento, soldado Alfredo de Jesus, que durante toda a luta não deixou por um só instante o seu posto, batido embora pelas balas, obtendo as ligações que se tornaram necessárias e prevenindo de acordo com minha ordem os oficiais que se achavam em suas residências. Foi ainda, graças a tal atitude, que pude me comunicar durante a luta com os Senhores Generais Ministro da Guerra, Diretor da Aviação, Comandante da 1ª Brigada de Infantaria e Chefe do Estado-Maior do Senhor Presidente.

Aprisionados uns e expulsos outros rebeldes das proximidades deste Regimento, puderam chegar a esta Unidade o Ten Cel Ivo Borges e elementos de ligação das Unidades-Escolas, sendo então iniciada uma ação ofensiva sobre a E.Av.M., segundo o eixo da estrada Rio—São Paulo, com elementos deste Regimento prontamente reforçados por um esquadrão de metralhadoras e outros elementos do Regimento Andrade Neves, comandados pelo Capitão Coriolano Ribeiro Dutra e conduzida pelo Ten Cel Ivo Borges que foi também auxiliado pelo Major Fontenelle e Capitão Perdigão.

É de salientar a conduta desassomburada desses dois oficiais, que, alertados em suas residências correram prontamente ao Quartel e auxiliaram decisivamente este Comando quando procurava dominar os amotinados ainda no interior do Regimento.

Ainda coube a esses oficiais aprisionar os rebeldes que se achavam na retaguarda do II Grupo e próximos ao Almojarifado do Regimento, no que foram também auxiliados pelos Capitães Jonas e Teophilo. Mais tarde chegaram os Srs. Ten Cel Muniz, Majores Borges e Avilla, Capitães Aquino, Wanderley, Martinho, Mendes, Libânio e Severino, Tenentes Castro Neves, Baptista, Aluysio, Adherbal e Armando Menezes.

Cabe-me acrescentar que logo após o início do ataque fui ferido na mão direita por bala de fuzil e foram também feridos durante a ação o 1º Sgt João Domingos e soldados Alvaro de Souza Pereira, Sebastião Nivaldo de Alvarenga Ortiz e Manoel Cosme de Araújo. Pereceu em combate além do Cabo Coriolano Ferreira Santiago, o soldado José Harmito de Sá.

Inclusas encontrareis as partes dos Oficiais que agiram sob meu comando, bem como as de alguns sargentos, as quais esclarecem cada caso particular da luta desenvolvida. Junto também relação com os nomes dos sargentos e praças que mais se distinguiram na ação, das avarias produzidas no material deste Regimento, do material bélico apreendido aos rebeldes e das praças aprisionadas.

Ao 1º Regimento de Aviação será sempre muito grata a ação desenvolvida pelo Senhor General José Joaquim de Andrade e pelas Unidades-Escolas que tão prontamente atenderam para sufocar a rebeldia da E.Av.M. e defender o Regimento tão traiçoeiramente atacado."

Ten cel cmt Intº Eduardo Gomes

(Transcrito da HISTÓRIA DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA, do Brig Nelson Freire Lavenère-Wanderley, editado pelo Ministério da Aeronáutica, em 1967).



## IMAGENS

Ao lado, Eduardo Gomes



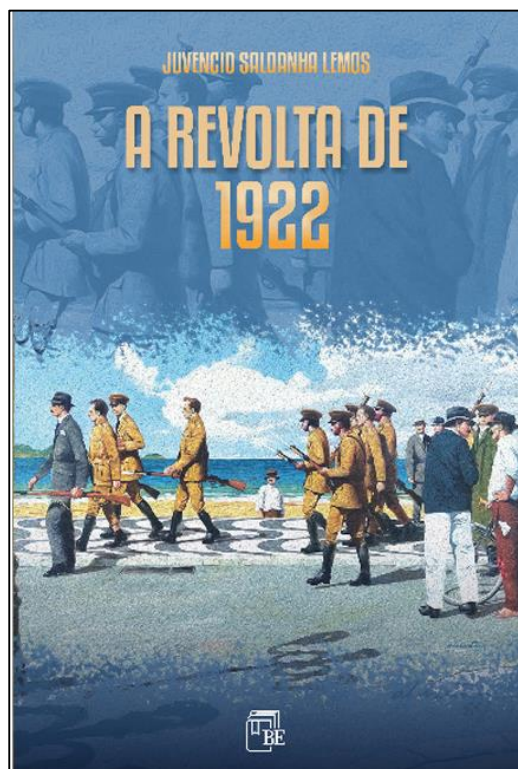
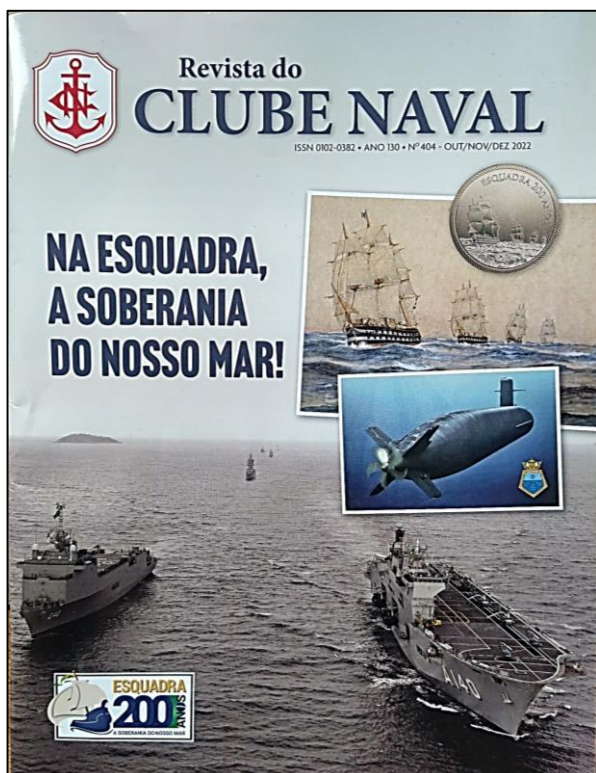
Pátio da Es Av Militar no dia 27 Nov 1935



Formatura na Escola de Aviação Militar

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos a Revista do Clube Naval de Out/Nov/Dez 2022, cuja capa segue abaixo e está à disposição dos interessados mediante empréstimo. A partir da página 58 está publicado um artigo da lavra deste Editor. À direita, a capa do último livro do Cel Juvêncio Lemos, publicado pela BIBLIEx. Vamos em frente.



\*\*\*\*\*

**Editor:**

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano Presidente da  
AHIMTB/RS**

**lecaminha@gmail.com**

**Sites:**

**www.ahimtb.org.br**

**www.acadhistoria.com.br**

**Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br**

**Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com**